

LETRAMENTO PROFISSIONAL: práticas pedagógicas em Três Lagoas e Santa Rita do Pardo/MS.

*Sonia Fátima Leal de Souza*¹

*Kátia Cristina da Silva*²

Eixo temático :7 Alfabetização e Formação Inicial e Continuada de professores

Resumo: Este artigo tem por objetivo apresentar duas ações desenvolvidas nos municípios do estado de Mato Grosso do Sul: Três Lagoas e Santa Rita do Pardo, que têm como ponto focal a formação de professores alfabetizadores. Trata-se de duas pesquisas: a de Três Lagoas é um recorte da dissertação de mestrado sobre o letramento profissional de alfabetizadoras, que foi desenvolvida em 2011; a de Santa Rita do Pardo é o recorte de um projeto de formação continuada que foi desenvolvido para os professores da rede de municipal de ensino, entre os anos de 2018 e 2019. A metodologia se desenvolveu a partir dos pressupostos teóricos de Kleiman (1999), Espíndola; Dias (2009) e Souza e Mello (2017) por meio de uma pesquisa etnográfica. Utilizamos para a coleta de dados entrevistas com professoras de cada município citado. Constatou-se que os sujeitos buscam aperfeiçoamento profissional, mas ainda apresentam concepções teóricas alicerçadas em um modelo tradicional em que práticas significativas e humanizadoras, ações inseparáveis no processo de ensino, não são incorporadas.

Palavras-chaves: Alfabetização; práticas; formação continuada; letramento

Introdução

Temos como objetivo apresentar duas ações desenvolvidas nos municípios de Três Lagoas e Santa Rita do Pardo, municípios do interior do estado de Mato Grosso do Sul, que têm como ponto focal a formação de professores alfabetizadores, bem como análise e reflexão das práticas pedagógicas desenvolvidas.

Para melhor delinear o texto, dividimos o trabalho, além desta introdução, em mais três momentos. No primeiro, centramos nossas atenções no aspecto

¹Mestra em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2011). Doutoranda em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. *Câmpus* de Três Lagoas. Contato: soniafatima1958@gmail.com.

²Mestranda em Educação pela Universidade UNESP. Vínculo Institucional: Professora dos Anos Iniciais da Escola Raimundo Cândido contato: kátia.c.silva@unesp.br

teórico de letramento profissional e formação continuada. No segundo, dissertamos sobre as ações desenvolvidas, os objetivos e resultados alcançados e, ao final, as nossas considerações.

A metodologia escolhida nessa pesquisa foi a etnográfica, com entrevistas direcionadas às professoras alfabetizadoras. O aporte teórico que subsidiou os estudos se centrou em Kleiman (1999), Espíndola; Dias (2009) e Souza; Mello (2017). O impasse entre teoria e prática deixa os educadores nessas duas unidades tentando se equilibrar, ora aceitando, ora refutando essa junção tão importante no fazer da sala de aula. Entretanto, evidências apontam, na atualidade, que é enorme a distância entre elas. Somando-se a essa problemática, temos a sociedade que diz valorizar a importância do professor, mas se mostra contraditória, pois desprestigia a ciência como um todo.

Essas contradições também são marcantes, pois o conhecimento que circula nas práticas pedagógicas, em muitas situações, é fragmentado, insignificante, com memorizações alienantes. Contudo, a sociedade cobra um indivíduo atuante, crítico e participativo principalmente no mercado de trabalho.

A escola tradicional ainda permanece no interior das escolas. Em sua maioria, a leitura é desenvolvida de forma fragmentada, sem interpretação do que se lê; enfatiza-se o trabalho individual, enfileirados, apáticos e a pedagogia do silêncio se estabelece. O professor tenta desenvolver projetos criativos, cujos protagonistas devem ser professores e estudantes mediados pela cultura, porém ele se desmotiva pois os alunos não conseguem ler e nem interpretar o que leu, mal conseguem realizar ações elementares e chegam aos anos finais da primeira etapa do ensino fundamental com uma aprendizagem inexistente de espírito coletivo e democrático.

1. Teorias e Práticas: a formação continuada é necessária

A formação continuada do professor alfabetizador é o centro dessa pesquisa, portanto, é imprescindível uma reflexão histórica dessa formação, ainda que seja feita de forma tímida.

De acordo com Imbernón (2010), durante os anos de 1980, 1990 e 2000, realizaram-se centenas de programas de formação continuada de professor, cuja análise rigorosa desqualifica alguns, mas mostra que outros apresentam novas propostas e reflexões que podem ajudar a constuir o futuro dessa formação.

Freire (1989) destaca que sendo o homem um ser de relações, ele está no mundo e com o mundo, resultado de sua abertura à realidade. A pluralidade de relações que o homem estabelece com o mundo reflete a ampla variedade dos desafios que ele enfrenta. Ao

estabelecer relações com o mundo, o homem deve ser crítico e reflexivo. Para o estabelecimento dessas relações, é necessário ser uma pessoa livre das convenções de ajustamento, é preciso superar essa desumanização.

Segundo Imbernón (2010), embora as modalidades formadoras costumam ter caráter grupal, na realidade, elas se dirigem ao indivíduo, que pode aprender questões concretas que, muitas vezes, estão distantes de suas práticas. Por essa razão, a formação não costuma causar impacto na prática da sala de aula nem potencializar o desenvolvimento profissional.

Nesse sentido, defendemos um permanente esforço de reflexão, não apenas como atividade puramente intelectual, mas, sobretudo, a reflexão que conduz à prática. A ação só será autêntica práxis se o saber de que dela resulta for objeto da reflexão crítica.

Nessa direção, o Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), que foi desenvolvido desde 2013 até os anos de 2017, apresentou um formato bastante acolhedor no que se refere à sintonia entre teoria e prática e à valorização do professor alfabetizador em suas horas destinadas aos estudos.

É possível que esse programa nacional tenha apresentado resultados teóricos e práticos significativos para as questões de qualidade da leitura, de interpretação do que se lê, dentre outros quesitos apontados nos relatórios das universidades envolvidas na coordenação dessa formação, pois teve as universidades coordenando e direcionando os estudos tanto teóricos como práticos.

Queremos e podemos formar crianças para serem leitoras e produtoras de textos e não copiadoras e repetidoras. Podemos formar crianças que vão ler e entender o que leem na no ensino fundamental e por isso vão ter sucesso na escola de ensino fundamental, médio e superior. Do ponto de vista da teoria histórico-cultural, esse processo começa lá no berçário quando apresentamos os livros como objetos para serem manipulados, olhados e mordidos pelos bebês. Como lembra Cetano Veloso, “Os livros são objetos transcendentais, mas podemos amá-los com amor tátil”. (SOUZA; MELLO, 2017, p. 201)

Pensando em formar crianças preparadas para a leitura e interpretação do que se lê pressupomos a importância de formação continuada. Atualmente, o formato das formações continuadas tem sofrido alterações significativas decorrentes de um processo crítico dos sujeitos que atuam nas escolas e nas universidades, compreendendo a importância de aliar teoria e prática no fazer pedagógico.

A formação do professor é motivo de constantes estudos, pois o professor é um fator determinante para desencadear processos de letramento na escola. (KLEIMAN, 2001). O letramento profissional abrange outras profissões, entretanto, na educação, o letramento profissional requer especificidade. Segundo Kleiman (2001), os professores devem estudar e conhecer conceitos da sua profissão, conhecimentos de que o professor vai precisar lançar

mão para ensinar. Para Garcia (1999),

O desenvolvimento profissional sugere evolução e continuidade, ele define como objeto da formação docente, “os processos de formação inicial ou continuada, que possibilitam aos professores adquirir ou aperfeiçoar seus conhecimentos, habilidades, disposições para exercer sua atividade docente, de modo a melhorar a qualidade da educação que seus alunos recebem”. (GARCIA, 1999, p. 26).

Na esteira desta reflexão, percebemos a importância da formação profissional para a evolução do professor enquanto processos de formação tanto inicial como continuada, o que significa que a profissão professor assim como outras profissões precisam se aperfeiçoar sempre.

Ainda de acordo com esse autor, a formação dos professores é definida como:

[...]a área de conhecimentos, investigação teóricas e práticas que, no âmbito de Didática e da Organização Escolar, estuda os processos através dos quais os professores – em formação ou exercício – se implicam individualmente ou em equipe, em experiências de aprendizagem através das quais adquirem ou melhoram os seus conhecimentos, competências e disposições, e que lhes permite intervir profissionalmente no desenvolvimento do seu ensino, no currículo e da escola, com o objetivo de melhorar a qualidade da educação que os alunos recebem. (GARCIA, 1999, p.26).

Observamos acima que o autor anuncia que a formação continuada de professores é uma área do conhecimento que exige a investigação teórica e prática na organização do trabalho pedagógico. Desta forma, não cabe nessa área distanciar a prática da teoria, pois uma requer a presença da outra.

2. Ações pedagógicas: a linha condutora do processo

As práticas pedagógicas da professora alfabetizadora do Município de Santa Rita do Pardo, é um recorte da Formação Continuada em Serviço, realizada nos anos de 2017 a 2019, entre todos os professores do município, entretanto, apresentamos neste trabalho o destaque das ações de uma alfabetizadora.

Essa formação continuada foi ofertada para 82 professores do quadro efetivo, dentre esses, 04 eram diretores e 08 coordenadores pedagógicos, 32 professores contratados, totalizando 114 docentes atuando nas diversas etapas da educação básica: Educação Infantil, Ensino Fundamental anos iniciais e finais e na modalidade Jovens e Adultos.

O relato da professora alfabetizadora centrou nas contribuições que a formação continuada trouxe para a sua prática pedagógica. Destacando a sintonia entre a teoria e prática, ações que ela refutou no início da formação.

Diante desse relato, percebemos que os estudos sobre a teoria e a prática foram centrais para a reflexão sobre a prática pedagógica, pois, ela nos remete às questões sobre

o que ensinar (os conteúdos), como ensinar (o modo de organizar o ensino) e porque ensinar (a finalidade da educação escolar), envolvendo as atividades grupais.

Em relação ao letramento profissional das professoras alfabetizadoras do município de Três Lagoas, foram mencionadas nas entrevistas as seguintes assertivas sobre o conceito de alfabetização:

- Alfabetização é você ensinar o aluno a ter conhecimento da leitura e da escrita e mostrar para ele que através da leitura ele vai saber ler, interpretar e agir de forma a atender as suas necessidades. (Lica - 3º ano).- Alfabetizar é interagir a criança num mundo letrado, ele tem que saber as normas gramaticais, tanto que ele aprende por qualquer método, aprende pelo analítico, pelo fônico pelo silábico, aprende nesse novo agora o PROFA por meio de textos. [...] Agora alfabetizar e letrar é a nossa principal função, então alfabetizar bastaria aprender ler e escrever, hoje nós precisamos mais que isso, é a criança entender pra que ela precisa ler. (Tê - 2º ano).

Vimos que o aprendizado da alfabetização, na concepção das professoras entrevistadas, cumprirá a função de informar aos alunos a importância do ler e escrever para suas vidas, bem como de ensinar o aluno a ter conhecimento da leitura. Não vimos aqui uma definição de alfabetizar seguindo um método sistematizado e com sequências didáticas para o domínio do código escrito e suas propriedades diante da função social.

Na sequência das entrevistas, pedimos que conceituassem “letramento”. Vejamos:

Letramento é a compreensão e apropriação, quer dizer, participação da cultura significa vivência de experiência onde as crianças terão contato com textos escritos de vários gêneros textuais da língua e formulando hipóteses de utilização. É apropriar-se do sistema de escrita de princípios alfabéticos e ortográficos ler, escrever com autonomia. (Tê - 2º ano).

Letramento é o conhecimento dos símbolos, das palavras, textos e a compreensão do que se escreve e do que se lê. (Lu - 1º Ano).

É inegável, nessas tentativas de conceituação, que as professoras parecem desconhecer o assunto e ensaiam definições equivocadas, que, por sua vez, causam deficiências no desenvolvimento de práticas sociais significativas no contexto escolar.

Foram muitas as inquietudes no decorrer das entrevistas, pois era nítido que o letramento do professor alfabetizador não apresentava subsídios teóricos para fundamentar as suas práticas que ocorriam de forma espontânea e descontextualizada.

o conceito de letramento ainda é mal compreendido em algumas instâncias dentro delas, a escola. Enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade (...) Surge então, a necessidade de as escolas repensarem o seu papel social. Não apenas alfabetizar. Não apenas fazer com que o indivíduo permaneça na escola por mais tempo. Mas dar qualidade a esse tempo de permanência nas escolas. Ou seja, letrar os seus alunos. Ler e escrever na escola precisa ir além da decodificação, é preciso formar cidadãos críticos e ativos, é preciso atribuir significado à escrita e dialogar de forma reflexiva com aquilo que se produz. (ESPÍNDOLA; DIAS, 2009, p.16).

Surge a importância da escola repensar o seu papel social, pois além de alfabetizar focando no sistema alfabético, é imprescindível trabalhar o letramento, como saber utilizar nas práticas sociais os conhecimentos escolarizados.

Coerente com a concepção do letramento profissional, fomos em busca dos conhecimentos específicos para alfabetizar das entrevistadas. As professoras foram questionadas sobre a importância de participar de cursos de formação específicos para alfabetizar:

- Não acho que tem de ser específico para alfabetização, acho que deve fazer parte do seu universo escolar. Tive um encontro com o Sistema Positivo e foi deliciosa a aula. Como trabalhar um texto (Tê - 2º ano) 7/7/11.

Analisando suas falas a respeito do letramento profissional, inferimos que, por lidarem diretamente com o ensino da língua materna, as professoras precisam dos conhecimentos que envolvem a língua portuguesa e seus processos de construção da escrita, seus fonemas, letras, grafias e o complexo sistema de escrita, além de compreender as concepções teóricas sobre como a criança aprende bem como o seu desenvolvimento.

Assim, damos visibilidade a alguns equívocos conceituais das professoras alfabetizadoras na escola em Três Lagoas. Importante se faz, neste momento, apontar a reflexão feita pela professora alfabetizadora de Santa Rita de Pardo, pontuando as resistências iniciais na realização do curso de formação oferecido. Relato da professora alfabetizadora de Santa Rita do Pardo.

No início das formações a barreira que me ligava a um método de alfabetização convencional era mais forte do que se abrir a novos métodos de alfabetização e conhecimento. Já aplicava algumas atividades permanentes como: Leitura e algum jogo voltado para fixação da alfabetização. Na época lecionava como regente para um 3º ano do Fundamental I a maioria em fase de alfabetização, porém a pedagogia das folhinhas também era uma atividade constante. Na nossa concepção acreditamos ser essa uma forma segura de se alcançar objetivos principalmente quando se remetem ao processo de alfabetização. (Silva, professora 3º ano).

Importante verificar, no início da formação realizada, as resistências em ampliar os conhecimentos, partindo de uma teoria da aprendizagem e do desenvolvimento humano. Contudo, as práticas começaram a dar visibilidade de que paulatinamente havia uma mudança de comportamento por parte dos professores.

Os resultados nem sempre eram os esperados, pois na verdade sabia que faltava uma direção para ampliar e direcionar o que já aplicava nas aulas em alguns momentos. Ao passo que as formações foram ocorrendo uma nova visão sobre um processo de alfabetização que dá oportunidade para que criemos métodos fundamentados em estudos que tiveram resultados promissores e a visão interdisciplinar em textos e atividades me fizeram ter curiosidade e também querer incluir na minha prática em sala de aula. Aos poucos através da leitura de um livro também já era possível criar uma

sequência didática que contemplasse as várias necessidades dos alunos em fase de alfabetização, motivar os alunos a serem autores de suas próprias produções e respeitando também seu nível de escrita. (Silva, professora 3º ano)

Podemos observar com esse relato que uma nova mudança de postura começava a despontar na sala de aula e, pela iniciativa da professora, com os estudos e reflexões isso foi possível.

3. Considerações Finais

O letramento profissional dos professores alfabetizadores ocorre gradativa e continuamente por meio de relações estabelecidas entre os sujeitos e os estudos específicos para a função do professor. Entretanto, esses profissionais possuem algumas dificuldades relacionadas ao pensamento de que alfabetizar e letrar os alunos é um processo fácil e, portanto, como eles já dominam os códigos, podem perfeitamente ensinar.

É oportuno salientarmos que nossa pretensão não foi apontar erros e acertos nem realizar uma pesquisa de cunho avaliativo, mas investigar práticas de letramento profissional com a finalidade de compreender as concepções dos sujeitos da pesquisa em relação ao letramento profissional, bem como as práticas de alfabetização desenvolvidas no município de Santa Rita do Pardo, em busca por melhores formas de ensinar e de aprender. Implica, sobretudo, em face dos resultados alarmantes da educação brasileira, especialmente nos primeiros anos do ensino fundamental, a necessidade de construção plena e autônoma dos seus sujeitos: professores, estudantes e a cultura.

Referências

BRASIL, *Secretaria de Educação Básica*. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – Currículo na alfabetização**. Ano 1. Brasília: MEC, SEB, 2012.

DIAS, P. M. Letramento no primeiro ano do ensino fundamental para crianças oriundas de camadas populares: mitos e medos. Orientadora: Espíndola, A. L. 2008, p, 20. Iniciação Científica. Pedagogia. UFMS/CNPq – PIBIC, Três Lagoas, 2008.

FREIRE, P. **A importância do Ato de Ler**: três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

GARCIA, C. M. **Formação de Professores**: para uma mudança educativa. Lisboa: Porto, 1999.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional**: formar-se para a mudança e a

incerteza. Tradução Silvana Cabucci Leite. São Paulo: Cortez, 2010.

KLEIMAN, A.B; MORAES, S. E. **Leitura e interdisciplinaridade**: tecendo redes nos projetos da escola. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1999.

KLEIMAN, A. B. Letramento e formação do professor: quais as práticas e exigências no local de trabalho? *In*: KLEIMAN, A. B. (Org.). **A formação do professor**: perspectivas da Lingüística Aplicada. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p. 39-68.

SOUZA, R. A. M de; MELLO, S. A. O lugar da cultura escrita na educação da infância. *In*: COSTA, S. A. da; MELLO, S. A. (Orgs.) **Teoria Histórico Cultural na educação infantil**: conversando com professoras e professores. 1. ed, Curitiba: CRV, 2017. Volume 1, p. 199 -215

SOUZA, S. F. L.. **Letramento Profissional**: trajetória dos que ensinam a ler e escrever nos três primeiros anos do ensino fundamental. 2011. 154f. Dissertação. (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá, 2011.